

Revista Epistemologia
ISSN-2526-4761

Editorial

Centenários e reflexões temporais

Abrimos o número 3, volume 3, em 2022 com algumas reflexões a respeito do tempo em que estamos presentes: para contextualizar precisamos citar que nosso país está prestes a realizar eleições gerais, numa situação que tem cada vez mais se agravado em relação ao risco à integridade do pleito – onde o presidente da república tem atacado a confiabilidade das urnas eletrônicas em troca de esquivas da prova de suas suspeitas; além de suscitar um emaranhado de confusões argumentativas para dissuadir com diversas suspeitas infundadas.

Vivemos um período em que as notícias falsas, chamadas popularmente de *fake news*, correm livremente em mensageiros instantâneos e, antes mesmo de qualquer verificação de sua veracidade, são tomadas como coisas reais e propagadas em nome da ignorância, da permanência do poder e do ódio.

Durante o período em que este número esteve no *prelo* vimos o assassinato de Marcelo Arruda ambientado em contextos políticos conturbados. Também acompanhamos o desenrolar de uma pandemia que já dura dois anos – com diversos problemas em sua



Figura 1: Thomas Kuhn - Imagem sob licença CC BY-SA 4.0 baseado no desenho de davi.trip

condução. Outro fato importante para a contextualização do tempo em que estamos durante a elaboração desta edição foi o assassinato do jornalista Dom Phillips e do indigenista Bruno Pereira. Tal caso revela como instituições de ordem da proteção indígena e de proteções ambientais têm se tornado cada vez mais enfraquecidas em nosso país – o que demanda a necessidade de políticas públicas a respeito.

Meio a esse processo borbulhante que nosso país se encontra, publicamos neste número uma reflexão sobre o saber amazônico questionando a forma tradicional e colonizadora do conhecimento como foi construído e fragmentado.

Neste ano de 2022 também passamos, no contexto da filosofia da ciência, em dois importantes centenários: o do filósofo Thomas Kuhn e de Imre Lakatos. Kuhn foi um grande divisor de águas dentro da filosofia da ciência com sua proposição que a ciência funciona em períodos de *normalidade*, onde *paradigmas* orientam

tal funcionamento e momentos de *revolução*, onde problemas (anomalias) não resolvidos por um paradigma são capazes de se tornar mais evidentes ao ponto de colocar em xeque um período ditado por um paradigma – instaurando assim o período de revolução científica.

Os paradigmas são orientações para os modelos teóricos, onde o cientista assume-os como postulados. A ciência ocorre, portanto, em períodos de ciência normal – onde há paradigmas funcionais – e períodos de crise onde os paradigmas estariam em xeque por anomalias que crescem, se amontoam e não são solucionadas.

Com a filosofia da ciência de Thomas Kuhn houve diversas interpretações. Tais interpretações poderiam colocar cada vez menos a ciência como possuidora de uma perspectiva racional e estabelecendo como influências sociais e psicológicas podem ocorrer na prática científica.

Vale lembrar que apesar da miríade de interpretações da prática científica, inspiradas no modelo de Thomas Kuhn, este filósofo contribuiu de forma ímpar para a compreensão do funcionamento da ciência.

Imre Lakatos foi outro grande importante filósofo da ciência, que em sua epistemologia criou a noção que a ciência funciona em grandes programas, os chamados de *programas de pesquisa científica*. Nestes *programas* ocorrem pressupostos que são nomeados de *núcleo duro*; tais pressupostos atuam de forma a orientar a produção de *modelos* teóricos. Nesta concepção entende-se que são os programas que de fato “concorrem” por se manterem e não exatamente teorias (que são falseadas na visão popperiana). O programa, como um todo, evita aplicar o falseamento em seus pressupostos que compõem o *núcleo duro*.

Lakatos foi um crítico ao falseacionismo de Popper: entendia que o falseacionismo popperiano pode ser falseado pela historiografia da ciência. Compreende que a análise histórica tem uma grande importância para a caracterização da racionalidade na ciência.

Lakatos descrevia três tipos de falseacionismo – dogmático, ingênuo e sofisticado. O primeiro seria tão inviável que refutaria grande parte do que houve no desenvolvimento da

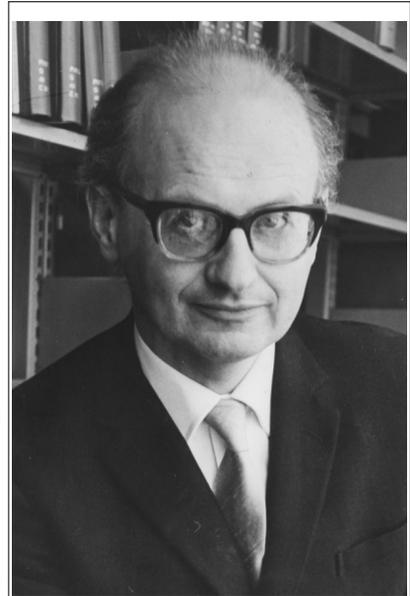
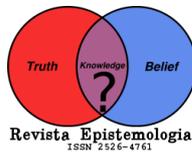


Figura 2: Imre Lakatos - Fotografia sem restrições de copyright. De: Library of the London School of Economics and Political Science.



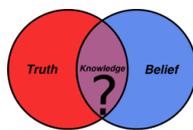
Revista Epistemologia
ISSN-2526-4761

ciência; o segundo seria a proposta de Popper, sendo refutado pela historiografia da ciência; o terceiro seria a proposta de Lakatos de uma Metodologia de Pesquisa Científica.

A história da Ciência, em Lakatos, não se resume em falseamento simples de teorias, mas na construção de Programas de Pesquisa que geram modelos teóricos. Neste modelo, Lakatos acredita que sustenta melhor um modelo racional da ciência – que ele chama de *racionalidade científica não instantânea*.

Tendo em vista os centenários destes dois importantes filósofos da ciência, convidamos para o próximo número a submissão de artigos que tenham enfoque nas filosofias de Lakatos ou de Kuhn. E são nestes contextos que lançamos este corrente número da *Revista Epistemologia*.

Arnaldo Vasconcellos.



Revista Epistemologia
ISSN 2526-4761

Revista Epistemologia

ISSN-2526-4761



Esta página foi deixada em branco intencionalmente